

Paulo Hartung

Economista, o ex-governador escreve às sextas-feiras neste espaço

/// Apartados da escola e do trabalho, os jovens com menos estudo são mais vulneráveis ao emprego precário e à criminalidade, especialmente o tráfico

Não estuda, nem trabalha

Pesquisadores do Insper divulgaram recentemente resultado de pesquisa sobre escolaridade e mercado de trabalho para jovens de 17 a 22 anos e constataram que o número de brasileiros desse contingente populacional que não trabalha e nem estuda – os chamados “nem nem” – está crescendo no país.

Mas essa notícia ruim ainda tem outras agravantes: quanto menor a escolaridade, maiores são as chances de os jovens entrarem nas estatísticas dos “nem nem”, e a maior parte dessa parcela está justamente nas classes mais empobrecidas da população.

Para se ter uma ideia, entre 2004 e 2011, o percentual de jovens de 17 a 22 anos com ensino fundamental incompleto que não estudava, não trabalhava e nem buscava emprego subiu de 23,9% para 26,6%.

Quando se faz o comparativo entre a totalidade de jovens de 17 a 22 anos com o total de jovens dessa faixa etária com ensino fundamental incompleto, fica evidente que a tendência é se perpetuar uma grave situação de desemprego e de falta de oportunidades justamente entre os mais prejudicados.

Em 2011, considerando-se a totalidade de jovens, 19,1% estudavam e trabalhavam,

percentual que era de apenas 10,5% entre aqueles que não haviam completado o ensino fundamental. Analisando-se todo o contingente dos jovens de 17 a 22 anos no Brasil, 15,9% não estudavam nem trabalhavam, percentual que subia para 26,6% entre os que tinham poucos anos de estudo.

Os pesquisadores apontam questões importantes. Primeiro: os jovens que têm pouca escolaridade e que ficam à margem dos estudos e do mercado de trabalho só tendem a se afastar desses universos, com inserção ou reinserção cada vez mais difícil. Segundo: apartados da escola e do trabalho, os jovens com menos estudo são mais vulneráveis ao emprego precário e à criminalidade, especialmente o tráfico de drogas.

As causas vão desde a desestruturação familiar, passando por déficits cognitivos, precárias condições socioeconômicas, até gravidez precoce, além, é claro, de condições ruins de instrução.

Para enfrentar essa situação, como se vê, é preciso uma ação multisetorial, mas que tenha como uma das prioridades o investimento na ampliação e na qualificação da educação, num mutirão que envolva poderes públicos, instituições escolares, sociedade civil e famílias.

Com uma escola atraente e reais condições de ensino-aprendizagem, e numa cultura de valorização da educação, certamente avançaremos muito na constituição do reino da igualdade de oportunidade entre nós, viabilizando um futuro bem diferente do presente e muito distante do passado.